

OS TRAÇOS TEMPORAIS E AS SENTENÇAS
DE ALTERNÂNCIA ERGATIVA DO
PORTUGUÊS BRASILEIRO*

*Temporal traces in Ergative Alternation
Sentences in Brazilian Portuguese*

Indaiá de Santana Bassani**
Ana Paula Scher***

1 INTRODUÇÃO

As Sentenças de Alternância Ergativa (SAEs) são bastante produtivas em português brasileiro (doravante PB). Tal fato tem sido notado por vários pesquisadores, entre eles Whitaker-Franchi (1989) e Moreira (2003), que atentam para uma expansão no uso de tais sentenças pelos falantes de PB. As SAEs se formam com verbos que permitem uma alternância entre seu uso transitivo e intransitivo (inacusativo),¹ como se vê a seguir:

* Nossos agradecimentos aos pareceristas que comentaram este trabalho. As observações feitas por eles que não puderam ser incorporadas a este texto constituem material fundamental para a continuidade da pesquisa.

** Universidade de São Paulo. bassani@usp.br

*** Universidade de São Paulo. anascher@usp.br

¹ Essa classe de verbos transitivos que se realizam como intransitivos recebe denominações variadas na literatura; no PB, Whitaker-Franchi (1989) as chama de “Verbos de Alternância Ergativa”, enquanto que Souza (1999) prefere chamá-las de “Verbos de Alternância Causativa”. Neste trabalho seguiremos Whitaker-Franchi.

- (1) Transitiva: A Maria quebrou o copo.
- (2) Intransitiva: O copo quebrou. / Quebrou o copo.
- (3) Transitiva: O menino furou a bexiga.
- (4) Intransitiva: A bexiga furou. / Furou a bexiga.

Embora a alternância ergativa exista e seja produtiva em PB, nem todos os verbos transitivos podem se realizar como intransitivos, como vemos nos exemplos de (5) a (8).

- (5) O João ama a Maria.
- (6) *A Maria ama.
- (7) O Pedro jogou futebol.
- (8) *Futebol jogou.

Sabe-se que as propriedades temáticas do objeto interferem na formação de SAEs. Objetos afetados e pacientes² permitem tal alternância enquanto que outros papéis temáticos, como beneficiário, experienciador, objetivo, valor, locativo ou resultativo, não permitem.³ A literatura já mostrou tais restrições (WHITAKER-FRANCHI, 1989; SOUZA, 1999), mas acreditamos que há outras restrições semânticas para a produtividade desse tipo de sentença. Partimos da hipótese de que nem todos os tipos de eventualidades⁴ se expressam por SAEs. Em outros termos, pensamos que o tipo de eventualidade denotada pela sentença parece constituir um fator restritivo à produção de SAEs.

² A definição de objeto afetado é bastante complexa. Aqui estamos usando a noção mais ampla de objeto que sofre uma determinada mudança em seu estado, como em *quebrar o vaso* ou *derreter o gelo*.

³ Para um dos pareceristas deste artigo, a combinação de um verbo causativo com argumento externo causa e com argumento interno afetado é a responsável pela possibilidade de ocorrência de SAEs. Uma sentença como *A Ana abriu a porta*, no entanto, admite a alternante ergativa. *A porta abriu*, mesmo sem a presença de um argumento interno afetado. O mesmo ocorre com o par *João girou o cata-vento/O cata-vento girou*. Se admitirmos que os argumentos internos *a porta* ou *o cata-vento* nas sentenças acima são afetados, teremos de admitir que os argumentos internos *o meu cabelo* e *as casas de madeira* em, respectivamente, *Esse dente quebrado do meu pente puxou o meu cabelo* e *O vento arrastou as casas de madeira* também são afetados. Se fizermos isso ficaremos sem explicação para a impossibilidade das alternantes ergativas **Meu cabelo puxou* e **As casas de madeira arrastaram*.

⁴ Seguindo Bach (1986, p. 6), usaremos o termo *eventualidade* para designar a referência das três categorias principais de sentenças, nomeadamente, Estados, Atividades e Eventos.

Neste trabalho, tentaremos, portanto, sistematizar mais algumas restrições de natureza semântica ao processo de formação das SAEs, apontando o importante papel que a natureza aspectual do predicado que as deriva desempenha nesse processo.

O presente trabalho se organiza da seguinte maneira: na seção 2, descreveremos a forma e interpretação que as SAEs podem assumir no PB. Em seguida, na seção 3, verificaremos os tipos de eventualidades e a formação de SAEs, para, na seção 4, discutirmos questões originadas durante a análise. Finalmente, a seção 5 conclui o trabalho.

2 SAEs: CONSIDERAÇÕES QUANTO À SUA FORMA E INTERPRETAÇÃO

As SAEs são pares de sentenças que alternam entre, por um lado, uma sentença em que há dois participantes – o argumento externo e o argumento interno do verbo – e, por outro lado, uma sentença em que há apenas um participante – o argumento interno do verbo.⁵ Esse fenômeno ocorre em línguas nominativas, como o Português e o Inglês; porém o termo *ergativo* vem de uma analogia um pouco forçada com as línguas ergativas, como o Basco, em que ao complemento verbal de uma sentença transitiva e ao sujeito de uma sentença intransitiva é atribuído o mesmo tipo de Caso. Esse Caso, por sua vez, difere do que se atribui ao sujeito de uma sentença transitiva.⁶ As sentenças abaixo são exemplos de SAEs no PB. Nos pares (9)/(10) e (11)/(12), o papel temático do argumento interno das sentenças transitivas (*blusa* e *navio*) é o mesmo do único argumento das sentenças intransitivas.

(9) Transitiva: O João rasgou a blusa.

(10) Inacusativa: A blusa rasgou.

⁵ Ramchand (2003, p. 3) define os ergativos como uma classe de verbos que ocorrem tanto em uma versão intransitiva, com um argumento interno, quanto em uma versão transitiva, com argumento externo e interno.

⁶ Souza (1999, p. 18) diz que a apropriação do termo *ergativo* é “um grande engano terminológico”. Manteremos esse termo neste trabalho, seguindo Burzio (1986) e Whitaker-Franchi (1989). A analogia existente entre as línguas ergativas e o termo *ergativo* deve ser feita com ressalvas, porque o fenômeno que ocorre nas línguas ergativas é diferente do fenômeno de ergatividade em línguas nominativas. O uso desse termo deve ser considerado, portanto, como uma simples apropriação terminológica, e não exatamente como uma identidade lingüística.

(11) Transitiva: O exército afundou o navio.

(12) Inacusativa: O navio afundou.

O tema da alternância foi largamente discutido pelos estudiosos e dessas discussões resultaram propostas às vezes semelhantes e às vezes distintas. Whitaker-Franchi (1989, p. 25) define assim os verbos de alternância ergativa:

... esses verbos podem construir-se como intransitivos ou transitivos, ou, se se quiser evitar esses termos, com um ou com dois argumentos nominais nucleares que especificam a significação do verbo e recebem dele funções temáticas inerentes (no sentido da teoria gerativa).

Keyser e Roeper (1984), por sua vez, trabalham com a semelhança entre sentenças de alternância média e ergativa do inglês. Nos dois tipos de sentenças, um objeto é representado na posição de sujeito. Os autores defendem que tais construções diferem pelo fato de as primeiras serem derivadas na sintaxe e as últimas, no léxico. Sugerem, então, uma regra lexical que explicaria a relação entre as sentenças ergativas intransitivas e suas correspondentes transitivo-causativas, ou seja, as sentenças ergativas transitivas.

Há ainda o trabalho de Burzio (1981) que sugere que a relação entre as SAEs transitivas e as intransitivas revela uma transformação sintática em que o verbo deixa de atribuir papel temático ao seu argumento em posição de sujeito, detematizando-o. Esse mesmo verbo não atribuirá Caso ao seu objeto direto, que se move para a posição de sujeito, onde recebe Caso e torna-se visível para a interpretação: é essa a “Generalização de Burzio”.

Em resumo, sintaticamente, as SAEs podem ter as formas AVB⁷ ou BV. A forma VB também está disponível para sentenças em que o argumento interno permanece *in situ*. Quanto à semântica dessas sentenças, podemos dizer que o argumento que ocupa a posição de sujeito nas sentenças BV ou VB continua a desempenhar as funções de objeto, mantendo inclusive o papel temático atribuído ao argumento interno na sentença com a forma AVB.

⁷ Para descrever a ordem das sentenças, usaremos “A”, para argumento externo, e “B”, para argumento interno, com a finalidade de marcar a manutenção do papel temático dos argumentos independentemente da ordem em que se realizam superficialmente.

(13) O menino rasgou a pipa.

(14) A pipa rasgou.

Embora ocorra em diferentes posições sintáticas, o sintagma nominal *a pipa* recebe o mesmo papel temático de objeto afetado pela eventualidade denotada por *rasgar* nas duas sentenças.

Vemos que, em geral, nas SAEs, o argumento interno, afetado pelo verbo, passa por uma mudança de estado como em *quebrar o copo* ou *derreter o gelo*: o copo passa de um objeto inteiro a um objeto quebrado e, da mesma forma, o gelo passa de um objeto sólido a um objeto líquido ou modificado. Assim, as SAEs denotam uma mudança de estado, apresentando uma estrutura interna que revela um acontecimento, no termo mais geral.

No que concerne à interpretação atribuída pelos falantes às SAEs, percebe-se que a alternante mono-argumental privilegia a eventualidade denotada pelo verbo, em detrimento do papel desempenhado pelo agente ou instrumento. Viotti (2004) chama tais sentenças de *Sentenças de Foco Apresencional*, um tipo que privilegia a eventualidade (denotada pelo composto verbo-objeto). Assim, verbos transitivos que podem ocorrer em sentenças sem o argumento externo (agentivo ou instrumental), apresentando a eventualidade apenas, podem constituir SAEs.

3 TIPOS DE EVENTUALIDADES E A FORMAÇÃO DE SAEs

Esta seção apresentará uma descrição do comportamento das SAEs, com especial atenção para a relação que talvez possa ser estabelecida entre elas e as categorias aspectuais a que pertencem os verbos que as formam. Utilizando a classificação de Smith (1991), que assume Aristóteles (1984)⁸ e Vendler (1967), é possível identificarmos a que categorias aspectuais, entre Estados, Atividades, *Accomplishments*, *Achievements* e Semelfactivos, pertencem os verbos que permitem a formação de SAEs. Em linhas gerais, a proposta de Smith prevê a existência das cinco categorias aspectuais mencionadas acima, definidas pela oposição entre os membros dos seguintes pares de traços temporais: estativo/dinâmico, durativo/instantâneo, télico/até-

⁸ Essa referência remete a uma tradução recente do texto original.

lico.⁹ As sentenças de (16) a (20) denotam, respectivamente, as eventualidades descritas pelas sentenças em (15)a-e:

(15)		
a. Estado		[estativo, durativo, atélico]
b. Atividade		[dinâmico, durativo, atélico]
c. <i>Accomplishment</i>		[dinâmico, durativo, télico]
d. <i>Achievement</i>		[dinâmico, instantâneo, télico]
e. Semelfactivo ¹⁰		[dinâmico, instantâneo, atélico]

(16) O João ama a Maria.

(17) O João escreveu algumas cartas.

(18) O João escreveu aquela carta.

(19) O João terminou a lição de casa.

(20) O João tossiu muito ontem.

É importante esclarecer que não classificaremos todas as SAEs, de um determinado *corpus*, por exemplo, em tipos de eventualidades; queremos investigar que traços temporais, componentes desses tipos de eventualidades, podem ser tomados como responsáveis pela formação de SAEs. Em outros termos, procuraremos identificar quais dos traços temporais utilizados por Smith (1991) são compatíveis com as características das SAEs. Embora as abordagens sejam parecidas, há uma diferença sutil. Por exemplo, sabemos que o fato de uma sentença que denota determinado tipo de eventualidade permitir a alternância ergativa não implica que todas as sentenças que denotam este tipo de eventualidade permitam a alternância. Assim, por exemplo, as sentenças de (21) a (24) denotam *accomplishments*. No entanto, somente o par de sentenças em (23) e (24) permite a alternância ergativa:

(21) A construtora construiu a casa amarela

(22) *A casa amarela construiu.

(23) O calor derreteu o gelo.

(24) O gelo derreteu.

⁹ Para uma descrição detalhada da proposta de Smith veja Scher (2005).

¹⁰ O termo *semelfactivo* vem do latim *semel* (uma vez) e é usado na lingüística das línguas eslavas para remeter a um sufixo que indica uma eventualidade singular.

Isso nos aponta para a necessidade de uma descrição das SAEs que vai além da identificação da categoria aspectual a que pertence o verbo da sentença: uma descrição que leve em conta os traços temporais que constituem os membros dessa categoria. Faremos isso em seguida, ao discutirmos a formação de SAEs frente às eventualidades propostas por Smith (1991).¹¹

3.1 ESTADOS

Os Estados compõem-se dos traços estaticidade, duratividade e atelicidade. São eventualidades que se mantêm por um intervalo de tempo, sendo, portanto, estáticas e durativas. Alguns exemplos são *estar em Campinas, acreditar em Deus, ser comum, pensar (acreditar) que é feliz*, entre outros. Como denotam uma eventualidade que ocorre em um período único, indiferenciado, os Estados não têm estrutura interna,¹² e não apresentam, assim, limites iniciais ou finais. Na verdade, se for possível identificar o momento em que um Estado passa a ser verdadeiro, como em *Ele passou a acreditar em Deus*, esse momento, um limite inicial, não fará parte desse Estado, mas de uma outra eventualidade que tenha esse Estado como resultado. O mesmo pode ser dito do limite final ou do momento em que um Estado deixa de existir, como em *Ele parou de acreditar em Deus*. Os Estados são, por assim dizer, atéticos.

Como já observado, a mudança de estado presente nas SAEs imprime ao predicado uma estrutura interna. A ausência dessa estrutura interna parece inviabilizar a tentativa de se formarem SAEs a partir de predicados que denotam eventualidades do tipo Estado:

- (25) O João ama sua namorada.
- (26) *Sua namorada ama.
- (27) Cães são fiéis amigos.
- (28) *Fiéis amigos são.
- (29) Castores constroem barragens.
- (30) *Barragens constroem.

¹¹ As sentenças utilizadas neste trabalho são todas baseadas na intuição de falantes de PB das autoras, sendo algumas delas anotações de conversas cotidianas.

¹² Estados são eventualidades para as quais é impossível identificar uma seqüência de estágios sucessivos que ocorrem em momentos diferentes.

As eventualidades denotadas pelas sentenças em (25), (27) e (29)¹³ são especificadas como estáticas, durativas e atélicas e, por conta de uma ou mais dessas especificações, não permitem a alternância ergativa. Até o momento, qualquer uma dessas especificações pode se revelar restritiva à formação de SAEs, ou seja, qualquer uma delas pode ser a responsável pela má formação de (26), (28) e (30). Adiante, verificaremos, comparativamente, qual ou quais dessas especificações dos traços temporais que constituem um Estado podem restringir a formação de SAEs.¹⁴

3.2 ATIVIDADES

Vimos acima que é impossível a formação de SAEs com eventualidades que denotam Estados. Nesta seção, ampliaremos a discussão, tentando estabelecer uma relação entre a formação das SAEs e as especificações dos traços temporais de uma eventualidade do tipo de Atividade.

As Atividades apresentam as especificações *dinâmico*, *durativo* e *atético* para os traços temporais e se realizam linguisticamente por expressões como *empurrar o carrinho*, *pensar sobre a vida*, *dormir*, *rir*, entre outras. Diferentemente de Estados, Atividades têm uma estrutura interna: não se constituem de um período único, indiferenciado. São processos que envolvem atividade física ou mental e só podem ter um limite final arbitrário, independente de sua estrutura: as Atividades podem ser interrompidas, mas não se completam, justamente por não terem um limite final natural. Os exemplos (31)/(32) mostram uma tentativa frustrada de se formar uma SAE intransitiva de um predicado denotador de Atividade. Outros verbos denotadores de Atividade (*comer*, *ler um livro*) também não permitem a formação de SAEs.

(31) Eu dirigi meu carro com prazer.

(32) *Meu carro dirigiu com prazer.

¹³ (29) denota um Estado derivado nos termos de Smith (1991).

¹⁴ É interessante notar que verbos de Estados permitem uma alternância, muito próxima à ergativa, nomeadamente, a alternância Média, como em *O João vende carros populares/ Carros populares vendem facilmente*. As sentenças de alternância média também exibem as formas AVB/BV, mas há outras propriedades que as diferem das SAEs. Por exemplo, é curioso observar que, ao contrário das SAEs, as sentenças de alternância média não exibem a forma VB (**Vendem carros populares facilmente*). Além disso, as sentenças médias geralmente ocorrem no presente do indicativo com um advérbio ou uma expressão adverbial, o que lhes imprime uma interpretação genérica ou estativa, diferentemente das SAEs que têm, necessariamente, uma leitura de evento, nos termos de Aristóteles. Neste trabalho não nos deteremos em tais diferenças. Para um estudo sobre as sentenças médias do PB, veja Rodrigues (1998), além de Pacheco (em preparação).

A estrutura da eventualidade descrita em (31) não apresenta um ponto final: é uma eventualidade atélica e durativa, como os Estados. Todavia, diferentemente dos Estados especificados como *estativos*, a estrutura presente na eventualidade expressa em (31) a caracteriza como *dinâmica*. Assim, os Estados só se opõem às Atividades pelas especificações *estativo* e *dinâmico* do traço estaticidade/dinamicidade, respectivamente. Se os dois tipos de eventualidades restringem a formação de SAEs, então, será necessário buscar a causa dessa restrição entre as especificações comuns dos outros traços temporais dessas eventualidades: as especificações possíveis para o traço estaticidade/dinamicidade não inibem a formação de SAEs. Nenhuma delas parece interferir nesse processo, já que, tanto os Estados, que são *estativos*, quanto as Atividades, que são *dinâmicas*, o restringem.

Os efeitos da especificação dos outros traços temporais (duratividade/instantaneidade e telicidade/atelicidade) ficarão mais claros ao abordarmos as eventualidades do tipo *Accomplishment*, *Achievement* e Semelfactivo. Com a observação dos *Accomplishments* levantaremos uma hipótese sobre o efeito das especificações *télico* ou *atélico* do traço telicidade/atelicidade na formação das SAEs, que poderá ou não ser confirmada com a observação posterior dos *Achievements* e Semelfactivos. De modo paralelo, esses últimos nos permitirão levantar uma hipótese sobre os efeitos das especificações *durativo* ou *instantâneo* para o traço duratividade/instantaneidade na formação de SAEs, que será ou não confirmada, voltando-se às propriedades das eventualidades que já tiverem sido descritas.

3.3 ACCOMPLISHMENTS

Accomplishments são descritos como eventualidades com as especificações *dinâmico*, *durativo* e *télico*. Constituem-se de um processo (por isso são dinâmicas e durativas) com resultado ou mudança de estado (por isso são atélicas). A especificação *télico* pode ser esclarecida pela definição de *evento télico*, presente em Smith (1991, p. 19): “Telic events have a change of state which constitutes the outcome, or goal, of the event. When the goal is reached, a change of state occurs and the event is complete”.¹⁵

Alguns exemplos são *beber um copo de água*, *construir uma casa* ou *preparar um prato*. São eventualidades que apresentam um limite final intrínseco e cuja mudança de estado, que caracteriza a telicidade, ocorre de

¹⁵ “Eventos atélicos contém uma mudança de estado que constitui o resultado ou alvo desse evento. Quando o alvo é alcançado, uma mudança de estado acontece e a eventualidade está completa.” (tradução nossa)

formas variadas. Alguns dos resultados mais comuns dessas mudanças se realizam em objetos afetados (*dobrar uma camisa*), construídos (*escrever uma carta*) ou consumidos (*destruir uma casa*), em experienciadores afetados (*distrair a Maria*) ou na relação caminho-alvo (*caminhar para a escola*).

A sentença em (33) denota uma eventualidade com as especificações *dinâmico*, *durativo* e *télico* para os traços temporais, sendo, portanto, um *Accomplishment*. A tentativa de se formar uma SAE a partir do mesmo predicado (em (34)) revela-se bem sucedida.

(33) A Maria encheu o galão de água.

(34) O galão de água encheu.

Já dissemos que as SAEs denotam uma mudança de estado percebida em sua estrutura.¹⁶ Tal mudança pode ser resultativa, como (33)/(34), em que o resultado do processo de *encher o galão* é o galão estar cheio. Podemos, ainda, ter apenas uma mudança de estado instantânea como em *furar a bola*.¹⁷ Nos dois casos, as eventualidades são télicas.

A comparação das especificações para os traços temporais das eventualidades denotadas pelo par bem formado de sentenças em (33)/(34) com aquelas das eventualidades denotadas pelas sentenças bem formadas dos pares em (25)/(26) ou (31)/(32) traz informações importantes sobre a natureza dos traços que restringem ou favorecem a formação de SAEs. As sentenças em (33)/(34) denotam eventualidades que devem conter pelo menos uma especificação distinta para os traços temporais, se comparada à especificação dos traços temporais das eventualidades denotadas por (25) e (31). Essa distinção se caracteriza por favorecer a formação de SAEs. De fato, o traço telicidade/atelicidade tem a especificação *télico* em (33)/(34) e *atélico* em (25) e (31). A especificação do traço estaticidade/dinamicidade já havia sido descartada anteriormente para explicar a impossibilidade de Estados e Atividades formarem SAEs. A hipótese de que a especificação do traço duratividade/instantaneidade não é relevante para a formação das SAEs começa a se justificar, agora, pelo fato de que tal traço é especificado *durativo* tanto em predicados que admitem (*Accomplishments*), quanto em predicados que não admitem a formação desse tipo de sentença (Estados e Atividades). Ao discutirmos os *Achievements* e os Semelfactivos, adiante,

¹⁶ Ver seção 2.

¹⁷ Retomaremos esse exemplo na próxima seção.

completaremos nossa justificativa, com a especificação *instantâneo* para o traço duratividade/instantaneidade nesses casos.

Os resultados parciais de nossa análise sobre a relação entre a formação de SAEs e os traços temporais propostos por Smith (1991) para caracterizar as categorias aspectuais podem ser observados na tabela abaixo, onde o sinal “?” representa um traço não relevante: as SAEs são compatíveis com telicidade e incompatíveis com atelicidade. A especificações possíveis para o traço estaticidade/dinamicidade (*estático/dinâmico*) e a especificação *durativo* para o traço duratividade/instantaneidade não interferem na formação de SAEs.

	estativo	dinâmico	durativo	Instantâneo	télico	atélico
* ESTADOS	?		?			*
* ATIVIDADES		?	?			*
✓ ACCOMPLISHMENTS		?	?		✓	

3.4 ACHIEVEMENTS

Os *Achievements* são eventualidades dinâmicas, instantâneas e téticas (com mudança de estado). Alguns exemplos são *reconhecer o amigo*, *chegar ao topo*, *ganhar a corrida*, entre outros. Tipicamente, os *Achievements* são eventualidades de um único estágio, dissociadas de qualquer processo.¹⁸ Uma sentença de *Achievement* será verdadeira apenas para o momento em que a eventualidade se realiza. Assim como no caso dos *Accomplishments*, a mudança de estado nos *Achievements* ocorrerá de formas variadas e os resultados mais comuns dessas mudanças se realizarão em objetos afetados (*perder um papel*), construídos (*imaginar uma cidade*) ou consumidos (*explodir uma bomba*), em experienciadores afetados (*ver um cometa*) ou na relação caminho-alvo (*chegar a São Paulo*). Como se vê em (35)/(36), verbos de *Achievements* admitem SAEs. A análise desse tipo de sentença nos permitirá iniciar nossa verificação dos efeitos da especificação do traço duratividade/instantaneidade como *instantâneo* para a formação dessas sentenças.

¹⁸ Alguns *Achievements* contêm processos preliminares a eles associados (*alcançar o topo*). Tais processos, entretanto, não compõem a eventualidade específica do tipo *Achievement*. Assim, o processo *de subir a montanha* não compõe a eventualidade específica de *alcançar o topo*. É, talvez, uma condição para a realização dessa eventualidade, mas não faz parte dela, já que é possível *chegar ao topo* de helicóptero, por exemplo.

(35) A Maria furou a bola.

(36) A bola furou.

Como já vimos que a especificação *durativo* não é relevante para a formação de SAEs. Poderíamos, precipitadamente, justificar a boa formação de (35)/(36) pela especificação *instantâneo* do traço duratividade/instantaneidade nessas eventualidades. No entanto, as eventualidades em (35)/(36) são téticas, como as de (33)/(34), e, na verdade, essa pode ser a razão da boa formação das SAEs. De fato, os dados de *Achievement* parecem confirmar nossa hipótese de que o traço duratividade/instantaneidade não é relevante para o processo em questão, já que as SAEs se formam tanto de predicados durativos (*Accomplishments*), como de predicados instantâneos (*Achievements*). Na próxima seção, mostraremos que a especificação *instantâneo* aparece tanto em predicados que admitem (*Achievements*), como em predicados que não admitem SAEs (Semelfactivos), confirmando, assim, a irrelevância do traço duratividade/instantaneidade para a formação de SAEs.

Nosso quadro de checagem fica da seguinte forma após a observação das eventualidades do tipo *Achievement*:

	estativo	dinâmico	durativo	instantâneo	tético	atético
* ESTADOS	?		?			*
*ATIVIDADES		?	?			*
✓ ACCOMPLISHMENTS		?	?		✓	
✓ ACHIEVEMENTS		?		?	✓	

3.5 SEMELFACTIVOS

Os Semelfactivos são uma classe interessante, pois são dinâmicos, instantâneos e atéticos, denotando eventualidades momentâneas, como os *Achievements*, e atéticas (por não apresentarem resultado), como os Estados e as Atividades. Em princípio, seus exemplares prototípicos são eventualidades corporais como *piscar*, *soluçar*, *tossir*, entre outros, eventualidades internas como *falar*, e ações como *chutar*, *çoçar*, *levantar a bandeira*, *puxar a corda*, etc.

Eventualidades corporais, como *piscar*, *coçar* ou *tremar*, podem ser expressas na forma BV quando são ações involuntárias, como nas sentenças em (37)/(38). No entanto, não seria correto dizer que as sentenças abaixo são parte de um par AVB/BV, como mostra a estranheza de (39)/(40).

- (37) O meu olho está piscando sozinho.
 (38) A minha perna tremeu sozinha.
 (39) #Eu estou piscando meu olho.
 (40) #Eu estou tremendo minha perna.

Embora (39) e (40) não sejam mal formadas, os pares (37)/(39) e (38)/(40) não são pares de SAEs, pois não parecem denotar a mesma eventualidade. Outras eventualidades semelfactivas não permitem a alternância ergativa: algumas, por não se expressarem por sentenças transitivas (com verbos como *tossir*, *soluçar*, entre outros): se não tivermos uma sentença transitiva, não será possível falar em alternância; outras, por se expressarem por sentenças com complementos preposicionais, como *bater na porta*: mesmo tendo um tipo de transitividade, não permitem a alternância.

- (41) O João bateu na porta.
 (42) *Na porta bateu.

Vê-se então que eventualidades Semelfactivas não admitem SAEs, confirmando, assim, que o traço durativo/instantâneo não se mostra relevante para a formação de SAEs. Finalmente, temos a seguinte sistematização:

	estativo	dinâmico	durativo	instantâneo	têlico	Atêlico
* ESTADOS	?		?			*
* ATIVIDADES		?	?			*
✓ ACCOMPLISHMENTS		?	?		✓	
✓ ACHIEVEMENTS		?		?	✓	
* SEMELFACTIVOS		?		?		*

4 DISCUSSÃO E QUESTÕES REMANESCENTES

Nesta seção discutiremos questões originadas ao longo do trabalho, principalmente, aquelas que se apresentaram durante nossa tentativa de verificação das hipóteses formuladas para os efeitos dos traços temporais no processo de formação de SAEs.

Em particular, verificamos que não há um comportamento homogêneo dos predicados pertencentes a uma determinada classe aspectual no que concerne à formação de SAEs. Assim, por exemplo, encontramos predicados de *Accomplishment* e *Achievement* que não admitem a formação de SAEs, ao contrário do esperado pela hipótese que formulamos. Será necessário, portanto, na continuação dessa pesquisa, determinar as causas desse comportamento heterogêneo. No momento, entretanto, apresentaremos algumas situações em que as previsões da hipótese que formulamos não se confirmam.

4.1 COMPORTAMENTO NÃO UNIFORME DE *ACCOMPLISHMENTS* E *ACHIEVEMENTS*

Se trabalhos pioneiros como os de Aristóteles, Ryle (1949) ou Bach (1986) assumiam o verbo como o objeto da classificação, outros mais recentes, como Verkuyl (1972, 1993), Dowty (1979, 1991) ou Tenny (1994), mostram que as propriedades dos objetos, adjuntos e outros elementos da oração contribuem para determinar o tipo de eventualidade descrito pela sentença como um todo. Observa-se, por exemplo, que a ocorrência de um determinante no objeto de uma sentença de Atividade, como (43), altera as propriedades do predicado, produzindo uma sentença com traços de telicidade, que se caracteriza, portanto, como um *Accomplishment* derivado, como o que se tem em (44):

(43) Bruno leu gibis.

(44) Bruno leu os gibis.

O fato é que, mesmo sendo um *Accomplishment*, (44) não admite ser expressa por uma SAE, como se vê em (45). As sentenças em (46)/(47) mostram que outras sentenças de *Accomplishments*, por exemplo, aquelas como com o verbo *construir*, também não admitem SAEs. Fato semelhante acontece entre os *Achievements*, já que algumas sentenças que denotam

eventualidades desse tipo também não admitem SAEs, como mostram (48)/(49) e (50)(51).

(45) *Gibis leram de meio-dia às seis.

(46) A construtora X construiu aquelas casas.

(47) *Aqueles casas construíram.

(48) O Pedro ganhou a corrida.

(49) *A corrida ganhou.

(50) O alpinista alcançou o topo.

(51) *O topo alcançou.

Essa falta de uniformidade internamente às categorias de *Accomplishments* e *Achievements* é, seguramente, uma questão interessante. Neste trabalho, não nos deteremos, no entanto, nas razões para a inexistência de SAES para denotarem tais eventualidades, apesar de possuírem os mesmos traços que sentenças com verbos como *encher*, por um lado, e *quebrar* ou *furar*, por outro. Parece que, nestes casos, outras propriedades da sentença estão em jogo, tais como propriedades do argumento agentivo ou do tipo de objeto. O aprofundamento desta questão, certamente, faz parte da continuação dessa pesquisa.

4.2 CASOS AMBÍGUOS

No decorrer do trabalho não pudemos deixar de pensar em questões sobre a natureza precisa de eventualidades descritas por verbos como *alargar*, *diminuir* ou *aumentar*, que, na maioria dos casos, permitem a alternância ergativa: devem tais eventualidades realmente ser tomadas como Atividades ou podem elas ser consideradas como eventualidades do tipo *Accomplishment*, já que, na eventualidade descrita por *alargar*, por exemplo, pode-se considerar que há um processo de alargar que pode culminar em uma mudança para “largo”? A questão fundamental será, portanto, se a eventualidade descrita por tais predicados tem ou não a especificação *télico* para o traço telicidade/atelicidade. Como mostram os exemplos de (52) a (55), as SAEs podem se formar nesses casos.

(52) Os funcionários da prefeitura alargaram a rodovia.

(53) A rodovia alargou.

(54) O João girou o cata-vento.

(55) O cata-vento girou.

Nossa hipótese sobre a formação de SAES e sua relação com os traços temporais, portanto, nos leva a tomá-las como télicas, ou seja, como *Accomplishments*. O problema é que as sentenças acima não apresentam um ponto final. Apesar de estarem no passado, não sabemos por quanto tempo o cata-vento esteve em movimento ou se a rodovia está larga após a eventualidade de alargar. Nelas, o objeto também não delimita a eventualidade, como ocorre em *comer a maçã*, em que a ação de comer só dura enquanto durar o objeto consumido (maçã). Nem mesmo podemos falar de culminância de um ponto final do tipo resultado ou alvo como em *construir a casa* ou *andar para a escola*.

Para tentar solucionar essa questão, recorremos a Parsons (1994), que revisa alguns dos testes apresentados por Vendler para que se possa reconhecer de que tipo é uma dada eventualidade, apontando suas eventuais limitações. Entre eles, há um teste que diferencia Atividades, por um lado, de Eventos (*Accomplishments* e *Achievements*), por outro. Estas categorias têm diferentes estruturas. Para as Atividades, por exemplo, pode-se dizer que *A está sendo Xado apenas se A foi Xado*; para os Eventos, por outro lado, será possível dizer que *A está sendo Xado apenas se A não foi Xado*.

(56) A rodovia está sendo alargada, somente se a rodovia foi alargada.

(57) *A rodovia está sendo alargada, somente se a rodovia não foi alargada.

(58) *João está construindo a casa, somente se João construiu a casa.

(59) João está construindo a casa, somente se João não construiu a casa.

Por meio desse teste, vemos que *alargar* é realmente uma eventualidade do tipo Atividade, assim como *girar*. Em (56) temos que a parte da Atividade de *alargar* é da mesma natureza que o todo, enquanto que em (58) a natureza da parte da eventualidade de *construir* não é da mesma natureza que o todo. Concluimos então, que algumas Atividades, como as do tipo

alargar, diminuir, aumentar, amarelar, entre outras, permitem a formação de SAEs, e esse processo é bastante produtivo.

Uma outra questão tem nos instigado bastante. Trata-se da natureza da eventualidade descrita por *encher*: devemos tratá-la como *Accomplishment* ou como *Achievement*? *Accomplishments* opõem-se aos *Achievements* somente pela distinção durativo/instantâneo. A leitura de uma SAE como uma sentença cujo objeto é atingido pela eventualidade por ela denotada se verifica tanto para sentenças que apresentam em sua constituição temporal um traço de duratividade, como em (33)/(34), repetidas, abaixo, em (60)/(61), quanto em sentenças que apresentam o traço de instantaneidade, como em (62)/(63).

- (60) A Maria encheu o galão de água.
- (61) O galão de água encheu.
- (62) O rapaz, nervoso, estourou a bola de repente.
- (63) A bola estourou de repente.

A diferença entre essas sentenças consiste em que, nas primeiras, o objeto é afetado pela eventualidade durativa de *encher*, que se estende *por algum tempo*, enquanto que, na segunda, o objeto é afetado pela eventualidade instantânea de *furar* que acontece *de repente*, em um único momento.

Existe, entretanto, uma questão interessante relativa ao verbo *encher* presente em (60)/(61). Consideramos que esse verbo, nessas sentenças, denota um *Accomplishment*, por causa da especificação *durativo* mencionada acima. No entanto, em sentenças como (64) abaixo, o verbo *encher* parece denotar um *Achievement*, pois marca o momento exato (especificação *instantâneo*) em que um recipiente está cheio:

- (64) Feche a torneira, o balde encheu.

Podemos dizer que, em (60), o verbo *encher* denota um processo e, em (64), temos um resultado. Parece-nos mais interessante dizer que *encher* denota um *Accomplishment*, pois o instante em que um dado recipiente está cheio pressupõe um processo de encher, do qual ele não pode se dissociar. O problema surge quando temos uma sentença em que se dá o processo de *encher*, mas não necessariamente se dá o ponto de culminância, como (65):

(65) Eu estava enchendo o balde quando a água acabou.

Levando em conta fatos como este e os anteriormente apresentados, Smith (1991) diz que predicados que apresentam graus podem denotar Atividades, como *alargar a rodovia*, *estretitar a passagem*, *lassear a calça*, entre outros discutidos acima. Neste sentido, *encher* poderia ser considerado uma Atividade gradativa, assim como *alargar* ou *girar*. No caso de *encher*, será importante o tipo de objeto existente na sentença, como em (66). Nesse caso, é possível saber que a eventualidade é tética, pois o ponto de culminância será alcançado no momento em que o objeto, *balde*, estiver cheio: há um limite nesta sentença.

(66) O garoto está enchendo o balde.

Contudo, se aplicarmos o teste de Parsons (1994), veremos que eventualidades do tipo *encher* e, da mesma forma, *derreter* parecem realmente denotar *Accomplishments*:

(67) *João está enchendo o balde, somente se João encheu o balde.

(68) João está enchendo o balde, somente se João não encheu o balde.

(69) *O gelo está derretendo, somente se o gelo derreteu.

(70) O gelo está derretendo, somente o gelo não derreteu.

Os dados nos mostram que as classes aspectuais não podem representar “prisões” para os predicados que as compõem. Frequentemente, verificamos que predicados de uma classe migram para outra por entrarem em um novo esquema composicional. Finalizaremos esta seção de discussão apresentando um último caso em que isso se verifica: os Semelfactivos. Nesta classe, também há, pelo menos, um exemplo que parece contrariar nossa hipótese inicial de que a especificação *tético* para o traço telicidade/atelicidade determina a formação de SAEs. Por essa hipótese, por serem atéticos, Semelfactivos não formariam SAEs. No entanto, o par de sentenças em (71)/(72) é gramatical em PB.

(71) A Maria levantou a bandeira.

(72) A bandeira levantou.

O predicado *levantar a bandeira* pode ser considerado uma eventualidade do tipo Semelfactivo, pois não há um ponto final para este evento. A bandeira pode ser levantada eternamente, em sucessivas eventualidades momentâneas. Por outro lado, pragmaticamente, os falantes reconhecem que a bandeira não pode ser levantada eternamente e, nessa leitura, percebe-se que o falante atribui a especificação *télico* à eventualidade, considerando-a como um *Achievement*. Esse pode ser o motivo pelo qual um Semelfactivo como *levantar a bandeira* pode ocorrer em SAEs.

5 CONCLUSÃO

Feita a análise das cinco classes aspectuais frente aos dados de sentenças de alternância ergativa do português brasileiro, pudemos concluir que apenas o par distintivo telicidade/atelicidade parece ser relevante para a formação de SAEs:

ESTATICIDADE	
DINAMICIDADE	
DURATIVIDADE	
INSTANTANEIDADE	
TELICIDADE	✓
ATELICIDADE	*

Eventualidades télicas favorecem a formação de SAEs, enquanto que eventualidades atélicas desfavorecem sua formação. Fica claro que outras propriedades semânticas importantes podem interferir na formação de SAEs, contudo estas propriedades não serão abordadas neste trabalho, mas em um trabalho futuro.

RESUMO

As sentenças de alternância ergativa (SAEs) são aquelas que se formam, alternativamente, a partir dos usos transitivo e intransitivo (inacusativo) de um mesmo verbo. Como muitas outras línguas, o PB exhibe tal fenômeno em sentenças como *O menino quebrou o copo*, *O copo quebrou* ou *Quebrou o copo*. A

literatura especializada já apontou que as propriedades temáticas do objeto são essenciais para a formação de SAEs: objetos afetados e pacientes permitem essa alternância, enquanto outros papéis temáticos, como beneficiário, experienciador, objetivo, valor, ou locativo, não. Apesar das evidências, acreditamos que há ainda outras restrições semânticas que podem reduzir a produtividade do processo de formação de SAEs. Investigamos, aqui, a hipótese de que nem todos os tipos de eventualidades admitem a alternância ergativa, sugerindo que o tipo de eventualidade denotada pela sentença parece ser um outro fator restritivo para a formação de SAEs. Assumimos Smith (1991) e tentamos esclarecer a natureza das restrições semânticas que se impõem à formação de SAEs, apontando para o importante papel que a natureza aspectual do predicado desempenha nesse processo. As restrições semânticas à formação de SAEs podem, na realidade, ser uma combinação da natureza aspectual do predicado com as propriedades temáticas de seu complemento.

Palavras-chave: *aspecto; transitividade; alternância ergativa.*

ABSTRACT

Ergative Alternation Sentences (EAS) are those which alternate from the transitive to the intransitive (unaccusative) uses of the same verb. As many other languages, Brazilian Portuguese exhibits this phenomenon in sentences such as *O menino quebrou o copo* (The boy broke the glass), *O copo quebrou* (The glass broke) or *Quebrou o copo* (There broke the glass). It is well established by the specialized literature that the thematic properties of the object are essential for the formation of EASs: affected objects and patients allow for this alternation, while other theta roles, like beneficiary, experiencer, objective, value or locative, do not. In spite of the evidence, we believe that there are still other semantic restrictions which may affect the formation process of EASs. We pursue here the hypothesis that not all kinds of eventualities allow for the ergative alternation, suggesting that the kind of eventuality denoted by the sentence seems to be another restrictive factor for the production of EASs. We assume Smith (1991) and try to make clear the nature of the semantic restrictions imposed to the formation of EASs, pointing out the important role that the aspectual nature of their predicate plays in this process. The exact nature of the semantic restriction on the formation of EASs seems to be a combination of the aspectual nature of the predicate with the thematic properties of its complement.

Key-words: *aspect; transitivity; ergative alternation.*

REFERÊNCIAS

- ARISTOTLE. *Metaphysics*. The complete works of Aristotle: the revised Oxford Translation. Tradução de: J. Barnes. Princeton, N. J.: Princeton University Press, 1984. v. 2.
- BACH, Emmon W. The algebra of events. *Linguistics and Philosophy*, v. 9, p. 5-16, 1986.
- BURZIO, Luigi. *Intransitive verbs and Italian auxiliaries*. Cambridge, Massachusetts, 1981. Tese (Doutorado). MIT.
- DOWTY, David. *Word meaning and Montague grammar*. The semantics of verbs and times in generative semantics and in Montague's PTQ. Boston: D. Reidel, 1979.
- _____. Thematic proto-roles and argument selection. *Language*, v. 67, p. 547-619, 1991.
- KEYSER, Samuel Jay; ROEPER, Thomas. On the middle and ergative constructions in english. *Linguistic Inquiry*, v. 15, n. 3, p. 300-318, 1984.
- MOREIRA, Renata Lúcia. *Um estudo sobre a expansão das construções ergativas no português do Brasil*. São Paulo, 2003. Relatório final de Iniciação Científica - Bolsa de Iniciação Científica FAPESP.
- PACHECO, Juliana da Costa. *A sintaxe das construções médias no português brasileiro*. São Paulo. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Linguística, USP. No prelo.
- PARSONS, Terence. *Events in the semantics of English: a study in subatomic semantics*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1994.
- RAMCHAND, Gilliam Catriona. *First phase syntax*. University of Oxford, 2003. Manuscrito.
- RODRIGUES, Cilene. *Aspectos sintáticos e semânticos das estruturas médias no português do Brasil: um estudo comparativo*. Brasília, 1998. Dissertação (Mestrado) -UnB.
- RYLE, Gilbert. Systematically misleading expressions. *Proceedings of the Aristotelian Society*, p. 1931-1932, 1949.
- SCHER, Ana Paula. As categorias aspectuais e a formação de construções com o verbo leve Dar. *Revista do GEL*, n. 2, p. 9-37, 2005.
- SMITH, Carlota S. *The parameter of aspect*. 2. ed. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.
- SOUZA, Paulo Chagas. *A alternância causativa no português do Brasil: defaults num léxico gerativo*. São Paulo, 1999. Tese (Doutorado) - Departamento de Linguística, USP.
- TENNY, Carol. *Aspectual roles and the syntax-semantics interface*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1994.
- VENDLER, Zenon. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca/London: Cornell University Press, 1967.
- VERKUYL, Henk J. *On the compositional nature of the aspects*. Dordrecht: D. Reidel, 1972.
- _____. *A theory of aspectuality*. Cambridge: CUP, 1993.
- VIOTTI, Evani. *Revisitando a ordem VS do português brasileiro: questionando a existência de expletivos nulos*. Departamento de Linguística-USP, 2004. Manuscrito.
- WHITAKER-FRANCHI, Regina Celi. *As sentenças ergativas*. Um estudo semântico e sintático. São Paulo, 1989. Dissertação (Mestrado) - IEL-UNICAMP.